

Para ACM, “ladrão” é Calmon de Sá

Senador afirma não ter recebido dinheiro do Econômico e promete processar revista

A pontado em reportagem da revista *IstoÉ* como beneficiário de doação de US\$ 1,1 milhão do Banco Econômico para sua campanha a governador em 1990, o senador Antônio Carlos Magalhães (PFL-BA) tachou de “ladrão” o banqueiro Ângelo Calmon de Sá, ao desembarcar ontem à tarde em *Salvador*. Coincidemente, Calmon de Sá viajou no mesmo vôo que trouxe ACM de Brasília. “Não recebi dinheiro nenhum, vou processar a revista”, protestou ACM. “Se existe algum ladrão é Ângelo Calmon de Sá.”

Exaltado, o senador pediu a punição do banqueiro, um de seus maiores aliados políticos na Bahia. “Que o dr. Ângelo pague o preço”, afirmou. “Ele (*Calmon*) não pode ficar se exibindo, passeando de lancha, indo para os Estados Unidos, freqüentando restaurantes, enquanto o povo baiano sofre.” E cobrou mais vez do Banco Central a resolução do caso Econômico: “A bancada da Bahia vai exigir isso.”

Segundo testemunhas que acompanharam o desembarque, ACM esperou a saída de Calmon de Sá para deixar o avião, que também transportava outro desafeto político seu — o deputado Roberto Santos (PSDB-BA). O senador chegou acompanhado do filho, o presidente da Câmara, Luís Eduardo Magalhães (PFL-BA).

O desembargador Luiz Pedreira, que presidiu o Tribunal Regional Eleitoral da Bahia na eleição de 1990, confirmou ter recebido o equivalente a US\$ 59 mil do Banco Econômico, conforme consta na pasta cor-de-rosa. Segundo ele, o dinheiro foi usado para montar uma central de apurações para as eleições.

Sarney — O presidente do Senado, José Sarney (PMDB-AP), pediu em Brasília que o Banco Central abra um inquérito contra Calmon de Sá para saber qual o destino das doações mencionadas na pasta cor-de-rosa para a campanha eleitoral de 1990. Citado nos documentos sigilosos encontrados pelo BC nas dependências do Banco Econômico como beneficiário de US\$ 118,1 mil, Sarney garantiu nunca ter recebido “um tostão” do Econômico para sua eleição.

O senador levantou uma inédita linha de investigação para tentar explicar a lista de políticos guardada nos arquivos de Calmon de Sá. “Alguém usou esses nomes para receber dinheiro do Banco Econômico e pôr no bolso”, acusou. Sarney comentou ter começado a achar “gráve” o episódio da pasta cor-de-rosa, depois de atentar para a possibilidade de que nomes de políticos poderiam estar sendo usados para encobrir possíveis desvios do Banco Econômico.